

AVISÃO DO OUTRO OS COLONOS EM ESCRITOS MOÇAMBICANOS A ESTESIA BANTA NOS CRONISTAS PORTUGUESES

JOSÉ CAPELA*

Como provavelmente acontece em toda a África de língua banta, em Moçambique os problemas linguísticos são encarados de uma forma que diria visceral e muito para além dos meios académicos convencionais. Por razões práticas como são a do relacionamento pessoal e do acesso ao saber mas principalmente por aquilo que a palavra representa na vida do Homem e pela categoria que se reveste na sublimação da sua existência. A sacralização da palavra inscreve-se no mais profundo do *ethos* do povo de língua banta. Foi assim que os moçambicanos abordaram de assalto a leitura e a escrita quando estas lhes foram proporcionadas e, uma vez politicamente independentes, passaram a debater apaixonadamente os múltiplos problemas linguísticos com que se deparam.

Ao fascínio do fenómeno linguístico se entregam pois os moçambicanos de forma não vulgar, do que me prezo de ser testemunha privilegiada. Qual seja a de ter acompanhado de perto não somente a paixão aplicada a debates escritos e verbais como sobretudo ter assistido à explosão de milhares de neoescreventes em transe de se entregarem tão iniciática quão dramática e entusiasticamente à grafia, nem sequer na língua materna, outros sim na língua do Próspero propiciador da nova forma de expressão.

Aquilo a que me refiro passou-se nos anos sessenta do século XX. Nesse momento em que as tensões sociais resultantes da circunstância colonial tinham atingido o ponto de ruptura, iniciou-se na cidade da Beira a publicação do hebdomadário *Voz Africana* que despertou uma atenção inusitada entre os moçambicanos. Semana a semana, a redacção era invadida por uma correspondência de tal maneira numerosa que o jornal lhe passou a dedicar duas páginas de cada edição sem, de maneira nenhuma, mesmo assim, poder atender à totalidade das mensagens. Mas se a quantidade foi impressionante, o teor não o foi menos. Por muitas e variadas razões. Nos escritos desnudavam-se aspectos da vida africana em fase de transição profunda, portanto, de crise. Os subscritores denunciavam sociedades e pessoas em conflitos permanentes e totais: com os indivíduos e com as estruturas. Por sua vez a originali-

* Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto.

dade da expressão não somente a partir do tratamento de uma nova língua ainda não assimilada e logo recriada. Especialmente surpreendentes tornam-se os contornos estéticos desse tratamento iniciático, o desenho impressionista tanto de manifestações comportamentais como sentimentais e em que o caricatural vai de par com o trágico e com o cómico. Também a serenidade face à tragédia. Não menos surpreendente é a capacidade manifestada de administração de uma grande diversidade de temas. Por detrás de simplicidade, talvez mesmo de uma infantilidade aparente, o leitor atento ao meio social e à mentalidade envolventes descobre no conjunto dos escritos uma riqueza insuspeitada tanto pela realidade ontológica que encerra como pela morfologia de que se reveste.

Deste acervo documental foi publicada uma antologia¹.

A totalidade das cartas é da ordem dos milhares, procedentes dos pontos mais diferenciados do país. Os subscritores, na sua generalidade, dispõem de uma escolaridade rudimentar que nunca ultrapassa o ensino primário elementar. Podemos dizer, afoitamente, que é a voz do povo. Um povo subjugado, mas um povo relativamente ao qual os acontecimentos contemporâneos denunciaram uma conscientização política de que esta correspondência é um prenúncio.

Os enunciados sob que foram agrupadas as cartas publicadas denunciam o carácter sociológico dominante nas preocupações dos subscritores:

- 1 Das relações clânicas para a amizade individual
- 2 Um mundo afectivo diferente
- 3 De uma moral tribal para uma outra moral
- 4 O clã não acabou mas já aí está a família
- 5 De uma sociedade comunitária para as empresas de finalidade lucrativa
- 6 Em pátria ocupada
- 7 A vida na tragédia do dia a dia

Ao longo da leitura da documentação patenteia-se o impacto do encontro de culturas e de conflitos inerentes. Pode mesmo dizer-se que temos por diante uma frente conflituosa intensa e extensa que atinge os indivíduos, as famílias, as formações sociais em crise de mutação profunda e inevitavelmente as mentalidades. Conflitos físicos, sociais e mentais. Deste panorama conflituoso emerge não só a visão de um outro, bem demarcado, mas também a manifestação de uma consciência social e política.

Em meio social como aquele em que se desenrolou o processo em causa não podia deixar de estar presente a visão do outro. Naquilo que a tal respeito consta da documentação privilegiaria dois sujeitos: o colono (no sentido de colonizador) e os seus colaboracionistas (bem personificados no *sipai*²). Dois protagonistas de uma cena

¹ Moçambique pelo seu Povo-Cartas à «Voz Africana», selecção, prefácio e notas de José Capela, Porto, 1971.

² *Sipai* - designação importada da Índia e aplicada ao ajudante da polícia. Os *sipais* constituíam os corpos policiais no interior da colónia.

sobre os quais recaí a denúncia das mal-querenças consabidas devidas ao sistema. No contexto de então em que coisas tão simples como a denúncia de abusos e desconsiderações das autoridades policiais para com cidadãos se podia transformar em crime, fazê-lo requeria astúcias insuspeitadas. É o caso da carta seguinte de um residente de Iapala em que para denunciar as atitudes dos sipais se começa por elogiar o comportamento do administrador³ aparentemente iludindo as suas responsabilidades nas situações descritas:

São poucas as palavras que me levaram a escrever para o nosso jornal Voz Africana. É o seguinte cá em Iapala. É uma terra de muita gente. Temos o nosso administrador novo é muito bom. E até diz todos vamos andar calçados. E quase todos mesmo menina e menino encontra-se calçado. E assim todos quando vamos assistir ao comboio de 2.ª, 4.ª e 6.ª. feira e sábado ficamos muito merecidos. Mas o que nos faz aldrabar é um sipai que nós temos chamado Boaventura. Este sipai na sua qualidade não está bom. Ele quando vai para fora em serviço, quando encontra os nossos pais em casa deles ele diz o sr. Administrador mandou-me galinhas. E sem os donos darem a resposta logo manda o polícia dele perseguir as galinhas sem conhecimento do nosso bom administrador. Isto sr. Director acha que está justo? E o seu amigo é um chamado Madeira. Este Madeira não podia fazer essas coisas. E até quando são mandados a fazer outro serviço na povoação fazem o que querem. Eu vi um dia o Madeira foi mandado para procurar quem não tinha sapato durante o comboio. E quando chegou lá não apanhou nenhum e ele foi a prender os que vinham no comboio e que iam na carreira no dia seguinte. E fiquei muito admirado ele a prender porque não tinham guia de Iapala⁴. Enquanto o Madeira não tinha nada de prender gente que passa sem fazer mal nenhum. E ainda estes estavam calçados todos. E até todos ficaram admirados por que é que aquela gente iam presos sem motivo.

Com efeito o administrador encarnava a totalidade do demoníaco do sistema. É o que expressa um outro leitor:

O caso que me levou a escrever é o seguinte:

Desde a minha idade de uso da razão recebemos muitos Administradores no nosso posto do Gilé mas nunca vi um administrador como este que em vez de fazer o bem da Nação traz a miséria de fome no povo do Gilé por seguinte em Setembro de 1965 até à data de hoje de 1966 os homens terminar do serviço e estar ao menos 2 ou 3 meses a fazer a machamba⁵ para os seus sustentos. Obriga que homem tem que estar todo o tempo a trabalhar no Gurúé sem terminar os seus 6 meses para fazer a sua machamba do seu sustento a mulher e os filhos ficam em casa a sofrer porque não têm a quem lhes sustentar.

³ Administrador - funcionário colonial subordinado ao governador do distrito e que exercia o poder político, judicial, administrativo e policial na área designada por «circunscrição».

⁴ Os «indígenas» não podiam circular fora da sua circunscrição sem guia passada pela administração respectiva.

⁵ A legislação que regulava o trabalho compelido impunha uma interrupção de seis a doze meses de prestação, o que nem sempre era respeitado.

O homem que devia fazer grande machamba de sustentos depois de ser terminado obriga voltar para Guruê sem tratar nada de machamba nem da palhota.

Estou a ver que há-de suceder como sucedeu nos anos passados porque o homem africano geralmente da minha terra não habituamos viver por meio de compras mas sim da própria machamba.

Além disso temos uma mina Morrua os homens que lá trabalham-se por dificuldade ausentar 1 ou 2 dias serviço quando ele lá chegar são queixados e dá palmatórias e purradas e obriga trabalhar 3 semanas de graça e ele é que ganha aquele dinheiro. Manda polícias agarrar as galinhas, na povoação sem comprar e os donos ficam a chorar e o povo encheu de tristeza sobre muitas outras injustiças que ele faz e está cheios das promessas e festas que haverão quando ele for transferido esse administrador é mau assim é bom? Senhor Director.

Dir-se-á que moçambicanos houve, muito antes, que puderam comunicar com o grande público, inclusive através da imprensa. E que o fizeram de uma maneira superior⁶.

O que é inédito, neste caso, é que se pode falar de um fenómeno de massas em que um número alargado de moçambicanos (moçambicanos *avant la lettre* tendo como traço de união a Língua Portuguesa? - moçambicanos com a consciência de moçambicanos?) se abalançou a comunicar com o público de uma forma massiva, na língua em cuja escrita se iniciava.

Pelo que tenho vindo a afirmar não se infira que remeto a valoração dos documentos referidos para a exclusividade sociológica. Não somente a psicolinguística e a sociolinguística como a linguística em geral têm aqui um enorme campo de investigação.

Relativamente aos textos em causa, para além dos aspectos evidenciadores de uma visão do outro que se não remete ao simplismo da valoração comportamental, não posso deixar de pôr em destaque o elevado grau da capacidade com que iniciados de fresca data utilizam a Língua Portuguesa dela extraindo desenhos de estados de espírito a que não são alheios a ironia profunda e às vezes mesmo a teatralidade envolvente. Na escrita propriamente dita salientaria a alegria do exercício. De meio de expressão e de comunicação a escrita transporta-se assim a uma categoria em que o lúdico e o sagrado vão de mãos dadas. É a pessoa que se realiza, superando-se.

Que a temática se revista predominantemente de cariz sociológico leva-nos isso a acreditar que estamos perante uma sociedade cujos indivíduos não foram ainda mentalmente e totalmente subvertidos pelo liberalismo economicamente dominante. (Aliás liberalismo coxo do qual apenas eram visíveis os piores aspectos do capitalismo). Mas a língua se está então a ser factor de alguma aproximação da classe dominante e se por isso mesmo é tão entusiasticamente cultivada, tal aproximação não vai no

⁶ Desde o início do século XX tinha havido, em Lourenço Marques, capital da colónia, uma imprensa de africanos, nomeadamente os jornais. "O Africano" e "O Brado Africano". Essa imprensa era redigida por africanos ilustrados e o seu público restringia-se a uma elite africana.

sentido da integração para o qual não existiam, quaisquer perspectivas. O distanciamento não é explicitado porque a aproximação está excluída do domínio do pensável. Ao referir-se o mundo dos brancos esse é um outro mundo que, sendo embora muito real e perfilando-se à vista desarmada, é um mundo apenas imaginável nos sonhos.

Um subscritor, de 27 anos de idade, residente no Marromeu, utiliza mesmo a imagem do «rádio de sonhos» para dar corpo a um diálogo de colonos. É, de facto, o trecho de uma conversa de colonos, de um realismo indiscutível. Mas que ele, autor, apenas sonhou:

O que me levou a escrever esta minha carta é o seguinte. No dia 29-6-65 apanhei no meu rádio de sonhos as falas do snr. José Maria Soares de Castro falando como seu amigo M.S. Ramos. Sobre respeito da África.

Dizia as seguintes palavras, que agora consegui arranjar um emprego da Sena Shugar de Marromeu, onde ganho uma média de 6 500\$00 por mês, não pago água nem luz nem renda de casa, e a casa é toda mobilada, só com isto poupo alguma coisa, comer tenho-me um preto que me faça comida e lava a roupa, e assim vou andando, o pior é de trabalhar de noite; e aqui a noite é muito fria por causa de nevoeiro. No local onde estou é no meio do mato não há distrações nenhuma a cidade mais perto fica a 400 quilómetros de distância, como vê aqui vivemos como bichos. Agora que a fábrica começou a trabalhar temos 16 000 pretos a trabalhar; só a mim calhou 63 como vê se eles quiserem cá vai o rapaz fazer tijolo no jardim das tabuletas; a companhia deu-nos uma pistola mas que adianta uma pistola contra todos negros, eles comigo têm pouca sorte mal eles começam a refilar já é a apanhar um murro nos queixos que nem sabem aonde vão parar e assim é que eles nos temem, caso contrário era pior, só de pancadas é que eles andam direitos, e aqueles que mais batemos são os melhores, nos dias seguintes trazem umas capoeiras de galinhas nos nossos quintais, e é isso que nós queremos.

Ao invés dos protagonistas da cena que não ultrapassam a mesquinhez do quotidiano o autor tem a visão alargada da África. É todo um conceito, diria mesmo é uma cosmogonia. Quem diria melhor? Mais sucinta e acusadoramente?: *Sobre respeito de África!* Dir-se-á que não é intencional. É um facto que consta do texto. Digamos que se trata de uma intencionalidade intuída. O autor da carta enquadra os interlocutores, pequenos colonos na sua visão imediatista do quotidiano. O que leva à conta de uma profunda ironia. Ironia amarga que reaparece no final do texto.

Não está, por igual, despida de amargura subjacente a carta que irradiando um profundo humor e também de uma ironia sem limites se reveste de teatralidade cômica:

O que eu estou a lamentar é o seguinte os bêbados de Nampula precisam de ser defendidos, um dia fui eu beber no bar do Senhor Pinto Soares e outro meu amigo que estava sentado ao meu lado levou bofetadas ponta pés socos e mais muitas coisas que são utilizados para aleijar uma pessoa ou para castigar uma pessoa que merece castigo.

Eu como bêbado apelo para autoridades competentes para ver esse caso de nós os bêbados (NAKHAJUS)⁷ para ser mos protegidos, porque o Senhor Pinto Soares precisa do dinheiro e o bêbado precisa do vinho, Pinto Soares é uma pessoa educada e o bêbado não é.

Eu sei muito bem que nós alcoólicos quando estamos grossos falamos mal e sem respeito, mas mesmo assim podia haver protecção nos bares de Nampula porque eu vi muitos brancos nos bares próprios da cidade bebem e ficam grossos e até outros recusam de pagarem, mas não são mal tratados.

E porque nós no bar do senhor Pinto Soares somos mal tratados, se eu não vou beber no hotel Portugal é porque tenho receio lá também vai o meu patrão tomar café agora eu não posso sentar junto com o meu patrão, porque amanhã se eu pedir aumento patrão vai dizer que o dinheiro não te chega mas tens para gastar no vinho é por essa razão que eu gosto beber no senhor Pinto Soares e no senhor Martins, porque lá tenho os meus amigos da minha classe eu podia ir no hotel Portugal onde podia ser respeitado mas as razões que me impedem são esse que eu escrevi em cima desta carta, porque sei que em terras portuguesas não há distinção só o senhor Pinto Soares é que quer semear ódio entre o português e negro agradeço muito e peço às autoridades para defender os bêbados negros de Nampula que estão desprotegidos, além de gastarem o seu miserável salário por cima leva muito de Mucunha⁸. Pinto Soares, estamos no século vinte o senhor Pinto Soares tenha paciência porque diz uma história dos nossos antepassados que quer chuva tem que aguentar lama, senhor Soares quer dinheiro então que ature os bêbados se estou a mentir que um dos leitores de Nampula desminta o que eu escrevi.

Sou eu um dos bêbados, I.K., padeiro nesta cidade de Nampula.

O efeito hilariante desta arquitectura de humor ameaça distrair-nos do significado mais profundo do texto onde ironicamente se vai afirmando aquilo que se quer negar como é o caso da inexistência de racismo. A mestria em criar um clima de à - vontade para denunciar as projecções do racismo no quotidiano do então oficialmente indígena são insuperáveis. Aí está o outro: o patrão, o taberneiro, o comparsa da bebida que só o não é porque até aos bêbados os separa a cor da pele, a diferença de classe.

Onde esta escrita abunda é na denúncia da exploração própria do sistema então em vigor. Somos postos diante de todo um panorama de atropelo aos mais elementares princípios de justiça social. As denúncias de uma tal situação contemplam as misérias mais comezinhas e todo um sistema. Quando falamos da visão do outro, temo que nos restrinjamos a essa dicotomia folclórica do preto vs. branco, do indígena vs. exótico. Os escreventes de que aqui curo vão mais longe: enfrentam sem ambiguidades o sistema. Haviam sido subtraídos a uma economia comunitária que se lhes não proporcionara nem a abundância nem sequer a resolução dos problemas da subsistência, apesar de tudo não os vexava com toda a espécie de submissões. Ilusoriamente intro-

⁷ *Nakhajus* - termo formado a partir de caju, fruto do cajueiro, de cujo sumo fermentado se produz uma bebida muito apreciada.

⁸ *Mucunha* - homem branco.

duzidos na economia de lucro daí não retiravam mais que uma exploração directa e vexatória do seu trabalho. O caso mais flagrante era o do algodão. As cartas que a seguir testemunham com o maior realismo alguns dos aspectos dessa exploração, são elucidativas.

Um agricultor de 24 anos de idade, natural de Demba e residente no posto administrativo do Canxixe:

O motivo porque obriguei-me a escrever esta carta é o seguinte: Eu sou agricultor de seis anos. Por mais que eu tenha seis anos enquanto estou cultivar algodão, este ano de 1964 em 10 de Agosto chegou o nosso mercado. Eu tinha recebido 30 sacos e enchi-os de tal modo que uma mulher não consiga transportá-los senão um homem de bicicleta nova, e tão forte marca Cumber. Por fim o resultado dos meus 30 sacos tiveram com totais de 1083 kgs.. E o resultado do dinheiro é o seguinte: 3 929\$80. É verdade Senhor Director que eu merecia de receber o dinheiro deste?! Eles dizem que cada quilo custa 3\$80 mas eu fiz as minhas contas não deram o resultado semelhante. Assim os pesadores não é praticar roubos? Se alguém tiver dificuldades fazer o seguinte: 1083 Kgs. multiplicar por 3\$80 que é de cada quilo. Está a ver? Portanto, se assim for para o ano, não terei vocação de cultivar o algodão senão de trabalhar qualquer serviço que não seja do algodão. Bem sei que eu sou bruto. Mas não sou tão bruto da primeira marca como os outros são. Assim terminando os meus recados que nada mais a dizer.

Outro escrito que vai no mesmo sentido é o de um correspondente natural do Gilé, residente no Alto Ligonha, de 31 anos de idade:

Senhor Director já é a minha primeira vez de escrever uma carta por não ter de falar. Por intermédio que me levou de mandar esta carta é o seguinte. Cá no posto administrativo de Gilé aconteceu uma grande coisa de algodão um europeu de nome Albuquerque que é capataz de algodão roubou muito dinheiro: quando uma pessoa ficar com nove sacos ganhava-se 650\$00 uma vergonha. Mas o senhor Mateus que é um capataz de outro sítio desta localidade do Gilé com 9 sacos era 1 300\$00 porque ele sabe que cultivar é muito difícil. Porque se fosse fácil cultivar ele teria grande machamba de algodão. Essa porcaria de não venderem bem o algodão começou este ano porque Antigo que eles passavam nos mercados com o senhor Chefe de Posto não acontecia nada. Vedes amigos leitores os agricultores do Macula-Mana que resolviam para perguntar o senhor chefe de posto, ganharam muitos dinheiros só as mulheres que tinham começadas não ganharam nada.

No interior das empresas as coisas não se passavam melhor. Os testemunhos abundam. Um correspondente do Marromeu conta o que se passa na Sena Sugar Estates:

Venho contar para o nosso jornal como somos alimentados nesta Companhia, Sena Sugar Estates Limited desta localidade, para nós que somos empregados especializados que tem direito a ração. Senhor Director recebendo somente os 7 litros de arroz por semana sem caril; isto diz com direito com alimentação? Isto é uma ruína para todos os empregados procedido este

direito, porque ninguém que pode aguentar comer comida simples sem caril. Estamos viver é porque ajudamos com o nosso dinheiro. Meus caros leitores houve uma firma que fornece igual assim como está dar esta Companhia? Era melhor se a Companhia resolvesse alguma coisa sobre este problema. Não era mal se fornecesse com bacalhau como tem dado os trabalhadores. Rogo a V. Excia. para publicar esta carta que é do assunto do nosso sofrimento nesta conformidade.

O leitor F. Azuara, solteiro, de 18 anos de idade, natural de Miguerene e residente no posto de Maquivale fala-nos do que eram as relações de trabalho:

O motivo que me leva a escrever esta carta é o seguinte. Estive a trabalhar no Rádio Quelimane de Moçambique como soldador numa manhã eu tive 5\$00 no meu bolso e tive fome para comer qualquer coisa, fui pedir o senhor Simas que é encarregado desta Companhia que vou comprar qualquer coisa na loja do senhor Martins para matabichar, e ele fez-me negar eu fiquei a trabalhar, passando alguns minutos vi um cozinheiro dele ir naquela loja e eu tirei 2\$50 que eu tive e dei aquele cozinheiro para comprar-me qualquer coisas para comer, quando o senhor encarregado viu-me a dar o dinheiro veio e arrancou na moeda e pôs no bolso dele, e eu calei. E passando 2 minutos veio um dos meus amigos chamado Emilio Gabriel, eu pedi-lhe muito favor para me comprar e ele aceitou coitadinho o meu amigo foi comprar 1 pão de 1\$00 quando me trouxe, e eu estive a comer aquele pão e quando ele me viu começou a insultar-me, e eu resolvi cobrar os meus 2\$50 quando lhe cobre, ele resolveu me despedir do serviço. Amigos leitores, assim é razão de despedir um empregado? Fiz mal de ter cobrado os meus 2\$50 que levava?

Um leitor, solteiro, de 29 anos de idade, natural do Búzi e residente em Macuse, Marrode, contrasta o comportamento dos diversos encarregados da companhia onde trabalha, exaltando a educação de uns e o que considera a falta de educação de outros:

Senhor Director, Há-de-me desculpar por lhe ter roubado um bocadinho o seu rico tempo. Estive bastantes anos a trabalhar nas oficinas de serralharia da companhia do Boror em Macuse mas saí por uns desgostos que o encarregado daquela oficina anda a praticar. Primeiramente entrei ao serviço com um chefe que se chamava Polaná depois de alguns anos foi transferido para uma outra estação e depois fiquei com o outro chamado António Rouchi e depois este despediu-se do serviço e ficando com o outro chamado Jorge Rebelo e este foi também transferido e ficou o outro chamado Branchi e este depois do seu tempo pediu uma licença para ir gozar na sua terra Natal cujo estes 4 patrões foram boas pessoas mas pessoas bem educadas pelos pais e pelas suas mães. E agora está este encarregado chamado J.V. e não se sabe donde a companhia o apanhou este homem que não tem absolutamente nenhuma educação e não se sabe se este homem tinha pai e mãe educados. Se digo assim é porque não há direito que este homem venha a fazer uma coisa aos seus inferiores. Se é certo segundo como ele diz de que o preto não vale? Peço para que a V. Excia. sr. Director nos explique.

J.S. Fino, casado, de 37 anos de idade, natural da circunscrição de Murrupula, residente em Nampula, estabelece o contraste flagrante entre trabalhadores europeus e africanos dentro da mesma empresa:

Estou-me com muito admirado por o caso que eu entrei serviço no dia 3 de Novembro de 1964, com o vencimento de 200\$00. Desde que entrei sempre estou me ganhar em todos meses mais para tratar a minha vida desconssegue, nem tenho sapato nem bicicleta. Há muitos empregados europeus que entram serviço mais a mim atrás só ele trabalha durante há 6 meses e compra o que ele quer carro, rádio, máquina de costurar, casaco, camisa de categoria mas para mim mesmo assim desconssegue saber porque me trabalha. Eu admiro porque eu não tenho nada a minha casa. Tendo eu a minha vida não é levado como branco.

O patético da situação do desempregado à procura de trabalho face à displicência dos empregadores vai de par com a nostalgia do órfão saudoso dos pais perdidos:

O caso que me levou a escrever esta minha carta é o seguinte: Sou o Lucas Bento Mirandes de 24 anos de idade, casado, natural de Iapala, baptizado na religião protestante em 7 de Setembro de 1966, às 15 horas. Encontro-me na plantação do senhor Eduardo Vieira da Silva, Nachiuieia como ajudante de escritório. Uma coisa tenho a dizer aos meus queridos leitores é os meus pais mandar-me na escola em 1950, com mal sorte minha mãe faleceu em 1952 antes de me passar exame final. E em 1955 fiz me exame final da 4ª. classe e o mesmo ano faleceu meu pai, e fiquei-me em órfão dos pais, e fiquei a resolver para arranjar emprego para sustentar minha vida e a vida dos meus irmãozinhos.

A 1ª viagem fui-me na plantação do Senhor Martins, e o Senhor Martins diz vai voltar na Quinta-feira. Quando chegou o dia combinado ele diz, não te preciso vai-te embora.

2ª. Fui-me em Ribauè na loja do Senhor Santos e o Senhor Santos diz vai voltar amanhã. Quando chegou o dia combinado, diz vai-te embora não te preciso.

3ª. Fui-me na loja do Senhor Normamade, em Iapala, para pedir aprendiz alfaiate, e um alfaiate que lá trabalhava chamado Saulino, ele diz-me o meu patrão é muito mau não precisa de aprendiz, se você não tens medo vai ter com ele, mas você vai apanhar purradas, como era pequeno teimei da respostas que me deu Saulino.

4ª. Continuei outra vez para Ribaué trabalhar como criado na casa do meu cunhado Zacarias, aonde foi-me dado calção e camisa.

5ª. Fui-me em terra de Aria na casa da minha tia mais velha.

6ª. Fui-me na plantação do Senhor Eduardo Vieira da Silva, onde fui-me arranjar emprego como ajudante do escritório. E fui-me recebido em 7 de Fevereiro de 1957, até agora encontro-me na mesma plantação.

E tenho muitas lembranças por não ter os pais.

Meus queridos leitores a vida de órfão dos pais é a vida muito mal. Eu até hoje estou no emprego e compro-me casacos calças vestidos bem merecidos os meus pais, apenas não vejo quem posso dar, posso comprar e dar outra gente que não sofreram por mim não fico bem disposto. Queridos leitores quem tem os pais tem que tratá-los bem; a vida de órfão não é vida boa, a vida muito melhor é de ter os pais.

A pigmentação criadora da dicotomia preto-branco que pretexta o preconceito rácico e a sua repercussão no quotidiano não deixa de ser explicitada por um leitor solteiro, de 23 anos de idade, natural do Marromeu e residente na Beira:

O fim desta é pedir-lhe um socorro. O motivo que me levou a escrever é o seguinte, eu quando saí na minha terra para cá na Beira nunca fazer despedida a ninguém porque tive muito raivado saí no dia 30-9-64 aqui apresentei no dia 1-10-64 desde da minha chegada até data sempre estou a sentir doi no meu corpo estive ainda trabalhar mas saí por motivo de doente de lombrigas passei 5 dias até estar melhor quando fui apresentar ao serviço tinha encontrado o rapaz a trabalhar no meu lugar ainda eu pedi licença ao patrão até fiz o contrato com ele mas não pensa nada disso só pensa mandar embora. Então eu posso fingir que estou doente enquanto não sinto nada?

É verdade todos os europeus não confiaram-nos que os Africanos também sentem qualquer coisa de doi, nada estão pensar de nós parecido como animais sobre de nosso côr negro é por isso que não temos valor com os europeus porque eles têm côr branco. Quando uma pessoa pedir o patrão a licença que eu estou doente, ele aceitou-se a autorizar de licença quando estar bem de saúde voltar no seu serviço já encontra no lugar alguém a trabalhar nesse lugar este patrão não é confiado só gosta o empregado estar de saúde todos os dias quando suceder qualquer coisa do corpo pronto para mandar embora.

No texto que se segue não saberei que mais admirar: se o aticismo do desenho de uma situação em que se respira simultaneamente a tragédia de uma repressão desproporcionada se a capacidade de extrair de um vocabulário escasso e de uma sintaxe improvisada a narração precisa do facto que assim nos salta à vista de forma verdadeiramente fílmica. A carta é de um natural da Machanga, residente na Beira, de 22 anos de idade:

A decisão que me levou a escrever esta missiva, foi a seguinte: Certo dia na área da Chipangara ao pântano ou Chipangara Matope, um homem da côr negra que trouxera da sua terra 5 litros com sura⁹ que não era para venda mas sim para ele beber de quando em quando que precisasse. Assim que chegou o homem, tirou um litro para o irmão que mora pouca distante da sua. Quando pelo o caminho dirigia-se para casa, encontrou com a polícia, que lhe perguntou donde tinha comprado a bebida. O pobre homem preto disse-lhe que tinha dado por irmão que trouxera da minha terra 5 litros para bebermos no tempo de almoço ou de jantar. E a polícia ordenou ao homem voltar para trás mostrar a casa onde foi dado. Quando chegaram, a polícia entrou logo para dentro da casa a observar se havia mais além daqueles 5 litros com sura que tinha visto na sala quando logo entrou. Infelizmente não houve além daquela quantidade.

⁹ Sura - bebida feita de cereais fermentados.

Depois mandou aquele homem que trouxe aqueles 5 litros, pôr fora o garrafão juntamente com o litro que já tinha dado ao irmão. Por fim mandou levar uma tábua que estava encostada a casa para partir aqueles garrafões.

O homem, além de sofrimentos de pesos que por onde trouxe lhe fartou, levou a tábua conforme a ordem e partiu. A polícia no fim de tudo começou bater pela caceta os dois irmãos até que sangraram.

Amigos leitores tiram a conclusão deste facto e respondam-me se isto está certo.

Será possível que o estado da Beira leve o regime de D. Pedro (o Justiceiro)?

2. A estesia banta nos cronistas portugueses

Em contraponto, far-se-ia mister apresentar a imagem que os cronistas portugueses retiraram dos moçambicanos ao longo dos séculos ou num determinado período balizado por circunstâncias que justificassem a sua escolha. Não vou fazer uma coisa nem outra pela impossibilidade óbvia de aqui inserir a envergadura que tal obra teria de exhibir. Limitar-me-ei a apresentar textos que privilegiam manifestações estéticas na convicção em que estou de que a estesia é a primeira das categorias comportamentais nas civilizações dos bantos. A primeira tanto na ordem lógica como na ordem ontológica.

A minha apresentação está portanto conscientemente viciada, à partida. Não pretende, de maneira nenhuma, confrontar posições. O colonizador de um lado e o colonizado do outro. Procura simplesmente atestar um dado de facto, qual é uma grande, uma incomensurável cultura do estético presidindo às civilizações bantas desde há séculos. Isto por um lado. Por outro lado que os portugueses se deram conta disso mesmo. É claro que foram muito mais frequentes em outro tipo de enquadramento dos povos de África, não apenas negativos mas mesmo injuriosos.

Porque sempre deparei com um geral desconhecimento de textos em que os descobridores exaltam os aspectos nobres das civilizações bantas, mais não pretendo do que chamar a atenção para uma realidade sedutora a quem porventura ainda não se tenha dado conta da sua existência.

Por incrível que pareça o primeiro escrito de um português que entra em contacto com o povo banto da costa oriental de África dá primazia ao que era uma novidade para quem ali chegava pela primeira vez. No *Diário da Viagem de Vasco da Gama*, atribuído a Álvaro Velho, pode ler-se o episódio que teve lugar na que agora é chamada a costa do Natal:

Item, ao sábado vieram obra de duzentos negros entre grandes e pequenos e traziam obra de doze reses entre bois e vacas e quatro ou cinco carneiros e nós como os vimos fomos logo em terra e eles começaram logo de tanger quatro ou cinco frutas e uns tangiam alto e outros baixo em maneira que concertavam muito bem.

Isto quer dizer que, há cerca de 500 anos, um navegador chegado das costas da Europa se extasiou, tal e qual como o fazemos hoje, perante a espontaneidade com que os povos desta parte de África produzem harmonia instrumental e vocal. Como contraponto a este apontamento do cronista para aqui aportaria um outro, este de um centurião de finais do século XIX que igualmente se extasia com a polifonia das impis ngunis. É Aires de Ornelas que em 14 de Agosto de 1895, da residência da representação portuguesa junto da corte de Gungunhana, aonde se deslocara em missão diplomática, escreve à Mãe:

(...) tratemos de dar uma ideia do espectáculo que presenciei nesse dia, espectáculo que bem poucos europeus têm visto e com certeza o mais extraordinário a que tenho assistido .

Pelas 9 horas da manhã, do mato que fecha a elevação onde está a côrte do Gungunhana, vinha saindo uma multidão de gente descendo para a grande langua do Manguanhana.

Ao chegar à planície tudo isso fez alto formando uma densa linha negra que nos fechava o horizonte. Lentamente se foi ela aproximando de nós; pouco a pouco iam-se percebendo e distinguindo os vultos quando se partiu em 6 colunas, 2 delas muito profundas ladeadas, cada uma por duas mais pequenas. Eram as duas mangas de guerra dos Impafumane (homens altos) e Zinhone M' Chope (pássaros brancos) dividida cada uma em três troços (mabange) na força de perto de 3000 homens cada uma, ostentando toda a gala e a riqueza selvagem do magnífico traje de guerra vátua. Vinham armados só de cacetes, prova das suas intenções pacíficas, e toda essa massa imensa avançava para nós cercado a Residência sem um ruído sequer, manobrando com uma precisão e regularidade que fariam inveja a europeus. A cerca de 500 metros de nós destaca-se para a frente o bobo ou jogral do exército, literalmente coberto de peles de tigre, com um imenso capacete de penas negras na cabeça, dando cabriolas, ladrando como um cão, cantando como um galo. Já estavam as mangas juntas à residência, e as seis colunas formaram linha em semicírculo em volta de nós vindo para a frente até 15 ou 20 metros um grupo de cerca de 100 homens. Entre estes vinha o Gungunhana que conheci logo, apesar de nunca lhe ter visto retrato algum; era evidentemente o Chefe de uma grande raça. Desse grupo adiantou-se um dos principais, orando por bastante tempo, dando-nos as boas vindas em nome do régulo e da sua nação e terminando pela saudação vátua: bahete! que repetida pelas milhares de bocas que nos cercavam produzia o efeito de uma descarga de fuzilaria.

Então o régulo adiantou-se sentamo-nos e trocaram-se os mais cordiais cumprimentos. É um homem alto e sem ter as magníficas feições que tenho notado em tantos dos seus, tem-nas sem dúvida belas, testa ampla, olhos castanhos inteligentes, e um certo ar de grandeza e superioridade. Ao levantar-se fez-se de novo ouvir os estrondoso bahete! e formando outra vez as mangas em coluna, mandou-as entoar o canto de guerra. Aqui devia eu parar! Nada no mundo pode dar uma pálida ideia da magnificência do hino, da harmonia do canto, cujas notas graves e profundas vibradas com entusiasmo por 6 000 bocas faziam-nos estremecer até ao íntimo. Que majestade, que energia naquela música ora arrastada e lenta quase moribunda, para ressurgir triunfante num frêmito de ardor, numa explosão queimante de entusiasmo! E à medida que as mangas se iam afastando, as notas graves iam dominando, ainda por largo espaço, reboando pelas encostas e entre as matas do Manjacaze! Quem seria o compositor

anónimo daquela maravilha? Quem seria o compositor anónimo daquela maravilha? Que alma não teria quem soube meter em três ou quatro compassos a guerra africana com toda a acre rudeza da sua poesia? Ainda hoje nos «cortados ouvidos me ribomba» o eco do terrível canto de guerra vátua, que tantas vezes o esculca chope ouviu transido de terror, perdido por entre as brenhas destes matos nos quais vivo há um mês.

Um outro centurião que muito escreveu sobre as suas conquistas foi Azevedo Coutinho. Sempre na posição do conquistador não deixa, no entanto, de exaltar o mirífico mundo zambeziano pelo qual verdadeiramente se apaixonou. Com uma prosa desataviada, jamais deixa de enaltecer as qualidades de guerreiros, de carácter e de nobreza quer daqueles que o acompanharam nas suas incursões bélicas, quer dos chefes e senhores locais, quer dos mais humildes dos seus servidores. Quando, na conquista do Báruè, conseguiu finalmente aprisionar um Makombe, de nome Chipitura, e com ele se dirigia para Quelimane descreve-o com um aceno de homenagem:

No percurso, desde que entrámos nos territórios da Companhia de Moçambique, a gente das povoações pacíficas vinha à beira da estrada saudar-nos, com entusiástica admiração, e todos queriam ver o Chipitura, que com seus filhos caminhava indiferente e orgulhoso, entre a forte escolta que os guardava, com aquele estoicismo admirável que faz de cada preto um verdadeiro herói, pela indiferença absoluta e extraordinária coragem, com que sabem encarar a morte.

Tornar-se-ia fastidioso prosseguir na leitura de textos. Não posso no entanto deixar de lembrar autores que primaram pela apreciação estética na sua contemplação de Moçambique. De tanto são exemplo Diocleciano Fernandes das Neves in *Itinerário de Uma Viagem à Caça dos Elefantes* com belíssimas páginas de homenagem à amizade e lealdade dos seus servidores e acompanhantes assim como à beleza física e moral de tantos que encontrou pelo longo caminho que percorreu, nomeadamente as princesas e donzelas da casa real cossa e Emílio de San Bruno in *Zambeziãna Scenas da Vida Colonial* onde, por igual, abundam páginas que vão no mesmo sentido.

*

A aquisição da Língua Portuguesa pelos moçambicanos foi feita ao preço do sangue, do suor e das lágrimas. Também na alegria de quem, no seu exercício, descobre e aborda um mundo novo. De imposição, a língua transformou-se em aquisição. Estamos perante um acontecimento que, situando-se em tempo e em espaço precisos, isto é, sendo histórico, não obstante extravasa dos limites do mesmo tempo e do mesmo espaço para fazer parte integrante do percurso de um povo.

Que a prática dessa Língua esteja limitada a uma parte desse mesmo povo tal não impede que ela constitua um património idiossincrático para o conjunto nacional.

Porque foi e continua a ser ela mesmo elemento constitutivo desse todo e porque permanece na categoria mais profunda do substrato que legitima a moçambicanidade. Eis também porque me socorri tão abundantemente de textos de moçambicanos de há décadas atrás que, pela primeira vez nas suas vidas, tão apaixonadamente escreveram em português. No maior respeito pela soberania dos moçambicanos, em prol da Língua, faço votos para que esses pioneiros não tenham sofrido em vão a sua escrita!